

Escolhas temerárias

» OTÁVIO SANTANA DO RÊGO BARROS

General da reserva. Foi chefe do Centro de Comunicação Social do Exército

Conforme levantamento realizado por Malamud e Castellano, no trabalho *Claves Electorales en América Latina 2023*, publicado pelo Real Instituto El Cano, desde 2018, na América Latina, somente uma vez, e no vizinho Paraguai, a situação conseguiu vencer eleições democráticas. Estar sentado na cadeira do poder já não significa vantagem preponderante em próximas disputas eleitorais.

Domingo passado, a máxima se confirmou na Argentina com a vitória acachapante de Javier Milei, um outsider maniático que ainda precisa dizer a que veio, sobre Sergio Massa, peronista de carteirinha ligado ao arcaico kirchnerismo.

Analistas acreditam que a ciclo-tímia “situação versus oposição versus situação” se deve ao engessamento das posições ideológicas da esquerda e da direita, e a impossibilidade de formar-se um bloco que possa reunir as propostas aparentemente divergentes, filtrando os pontos de toque para suplantar a diáde.

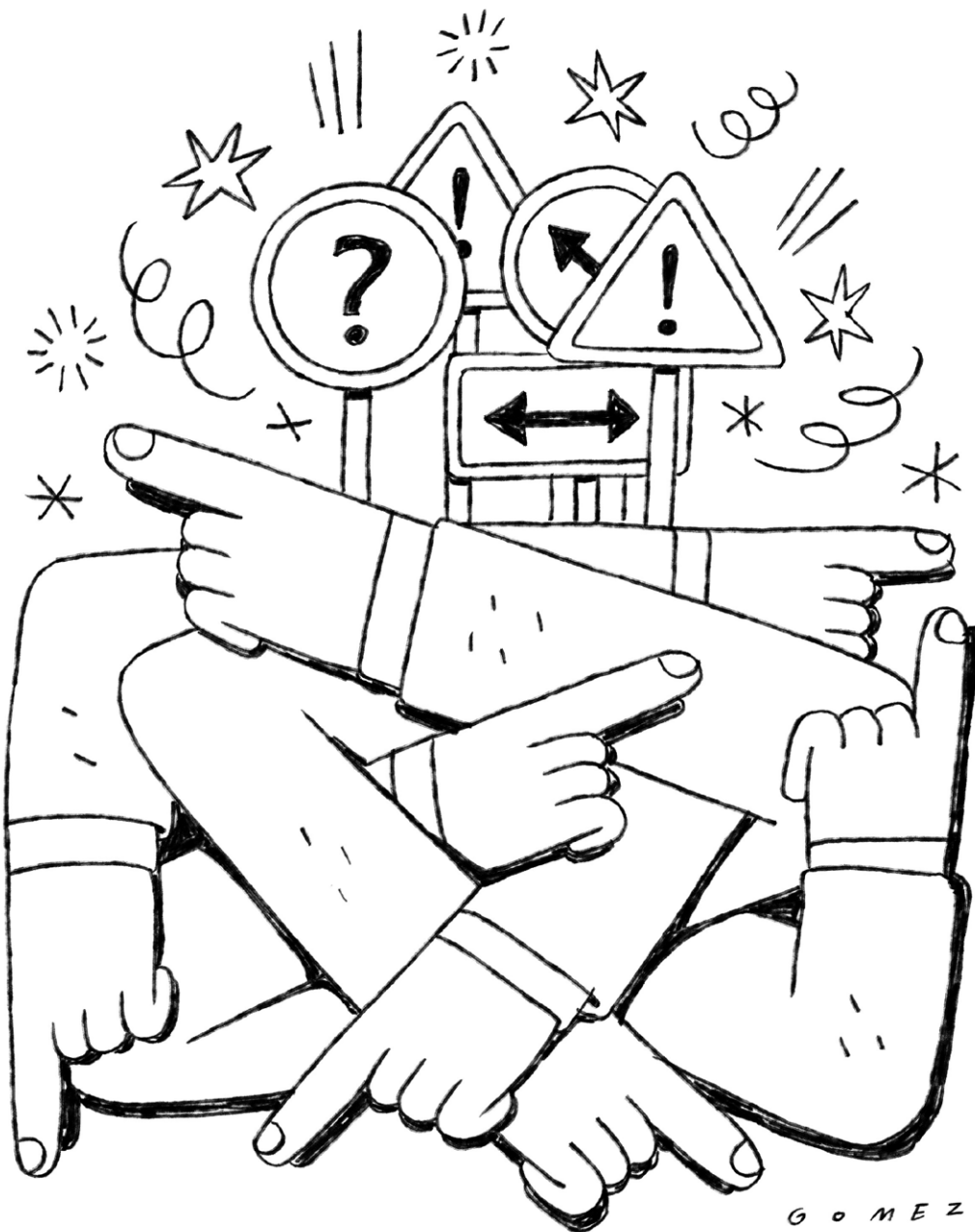
Independentemente das causas, o retrato da eleição argentina revela uma insatisfação crescente da sociedade com o padrão repetitivo de ação política de prometer sem entregar, ou entregar e cobrar juros de agiota sobre o bem-estar da população.

O eleitor já não avalia com base em sua razão e, rotineiramente, deixa-se tomar pela emoção induzida por opiniões nem sempre sustentadas. O ato de votar é como a parábola dos talentos. Ele entrega moedas de confiança a seu escolhido e lhe pede que as administre. Espera que, após o período de governança, esses escolhidos devolvam em dobro os talentos, com melhoria das condições socioeconômicas, de segurança pública, culturais, entre outros anseios.

Infelizmente, a maioria dessas lideranças enterra seus talentos e, quando cobradas, desculpa-se pelo insucesso apontando, como causas de sua incompetência, outras pessoas ou fatores externos. A razão primordial para essa situação na América Latina é a falta de lideranças preparadas, comprometidas e resilientes. Lideranças que se apercebam das exigências atemporais para governar e distingam entre os elementos da realidade aqueles que contribuam para um futuro sustentável.

Em seu recente livro, *Liderança — Seis estudos estratégicos*, Henry Kissinger bosquejou sobre as vidas de Konrad Adenauer, Charles De Gaulle, Richard Nixon, Anwar Sadat, Lee Kuan Yew e Margaret Thatcher. Cada um desses personagens da história moderna tinha características de liderar próprias, mas, em comum, a capacidade de avaliar de maneira real a sociedade em que viveram.

Adenauer combateu as sequelas do



nazismo pós-Segunda Guerra Mundial. De Gaulle salvou a França do ostracismo diante das potências mundiais vencedoras da guerra. Nixon abriu os canais para normalização das relações com a China. Sadat enfrentou os árabes para buscar paz com israelenses. Kuan Yew soube amalgamar raças distintas para construção de uma Cingapura moderna. Thatcher agiu com firmeza diante da perda do status da Inglaterra de senhora do mundo, equilibrando economia e soberania.

Segundo Kissinger, bons líderes devem despertar no povo o desejo de caminhar a seu lado. Além disso, devem inspirar um círculo de pessoas próximas a traduzir o seu pensamento de modo a influenciar as questões práticas.

O líder, quando ungido, não tem lado, não tem coloração. Tem por dever o propósito de bem servir a todos. O líder, quando ungido, não pode se intitular onisciente, onipresente e onipotente. Deve acreditar na equipe e estimular-la, inclusive, a dele divergir.

Para liderar, tem que conhecer. Claramente há, nos gestores de governo, uma lacuna de

conhecimento com poucos líderes estudiosos efetivos dos problemas da humanidade.

Em 1953, Churchill foi questionado por um aluno durante apresentação em um seminário universitário sobre como preparar-se para ser líder, ao que ele respondeu: “Estudem história. Estudem história”.

Vivemos um período de transição, mesmo que velhos homens e obsoletos conceitos ainda se imponham sobre as sociedades em geral. Quando valores e instituições perdem relevância e o futuro se torna ainda mais nublado — creio ser essa a fotografia de momento —, sentimos a necessidade de seguirmos um líder que nos ampare. Infelizmente, quando ele nos falta, o peso da realidade sobre a nossa sobrevivência nos força a escolhas irrefletidas e, algumas vezes, temerárias.

Não há luz no fim do túnel sem lideranças conscientes do papel de aglutinadores de esperanças e bálsamos contra frustrações em um mundo marcado por polarização, fragmentação e governança complexa.

O nosso entorno geográfico é um bom exemplo. Fiquemos espertos.

Parcerias abrem caminhos para novos tratamentos de doenças negligenciadas

» SERGIO SOSA-ESTANI

Diretor da Organização Medicamentos para Doenças Negligenciadas (DNDI) na América Latina

Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS), cerca de 1 bilhão de pessoas no mundo são afetadas por doenças negligenciadas, grupo constituído por 20 enfermidades que estão fora do clássico sistema de pesquisa e desenvolvimento (P&D) de medicamentos ou recebem pouco investimento para inovação e descoberta de terapias mais eficazes, seguras e acessíveis. Em geral, essas doenças atingem aqueles que estão em situação de vulnerabilidade, com impactos sociais e econômicos devastadores.

Para enfrentar esse cenário, a organização internacional sem fins lucrativos Medicamentos para Doenças Negligenciadas (DNDI, na sigla em inglês), criada em 2003, adota um modelo de pesquisa e desenvolvimento (P&D) em parcerias, buscando um objetivo comum: implementar novas alternativas ao sistema tradicional de P&D, baseadas não no lucro, mas nas necessidades das pessoas acometidas por essas doenças. A potência do modelo de parcerias é reunir, nas esferas públicas e privadas, o setor acadêmico, instituições de pesquisa, ONGs, governos, sistemas de saúde, indústrias farmacêuticas e de biotecnologia, sociedade civil organizada, grupos de apoio a pacientes, entre outros

A metodologia tem se aprimorado a partir das experiências acumuladas e da ampliação de uma rede global de mais de 200 parceiros em cerca de 50 países. Em cada projeto, há pelo menos um ou vários colaboradores. Juntos, disponibilizaram 12 tratamentos para populações negligenciadas.

A capacidade de construir alianças tem se mostrado fundamental, pois um bom

resultado em uma fase do processo precisa estar adequadamente incorporado em uma cadeia de produção. Caso contrário, será tão somente um resultado pontual. Essa articulação é baseada em três pilares. O primeiro abrange o desenvolvimento da pesquisa básica, pré-clínica, transnacional, clínica e de registro. Mas para que isso seja possível, é necessário ter uma rede de pesquisadores, com capacidade e interesse em atuar em colaboração, praticando ciência aberta — eis o segundo pilar. Já o terceiro pilar é dedicado aos projetos para garantir o acesso ao medicamento.

A partir dos projetos em parcerias estratégicas, foram criados ecossistemas de P&D em áreas endêmicas para doenças negligenciadas que antes não existiam. Isso é muito claro na África, na Índia e em alguns países da América Latina, como a Bolívia.

Além disso, para posicionar as doenças negligenciadas, que pouco têm voz, em debate na sociedade e entre os tomadores de decisão e formuladores de políticas públicas, a DNDI interage em diferentes níveis: nacionais, supranacionais e em fóruns internacionais.

No Brasil, está atenta à estratégia lançada, em setembro, pelo governo federal para retomar o desenvolvimento do Complexo Econômico-Industrial da Saúde, com investimento de R\$ 42 bilhões. Um dos pilares será o Programa para Populações e Doenças Negligenciadas.

No país, avanços importantes vêm ocorrendo, em parcerias com a comunidade acadêmica. Com a Universidade de São Paulo

(USP), foi dado um novo passo para a busca de novos tratamentos para a doença de Chagas, enfermidade que acomete cerca de 6 milhões de pessoas na América Latina. Pesquisadores iniciaram a testagem de moléculas candidatas a medicamentos em um modelo in vivo bioluminescente, que, por ser mais sensível, facilita e acelera o processo que verifica se um determinado composto químico apresenta uma ação inibidora contra a *Trypanosoma cruzi* — parasita causador da doença — e se existem focos remanescentes de infecção após o tratamento.

Com a Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), há experimentos para desenvolver um modelo in vivo para testes de potenciais novos medicamentos contra leishmaniose cutânea, doença endêmica em 19 países da América Latina, segundo a Organização Pan-Americana da Saúde (Opas). Os tratamentos atualmente disponíveis são caros e longos, têm eficácia limitada e dependem de injeções dolorosas que geram efeitos colaterais.

ADNDI promoverá, no próximo dia 28, um evento em que serão discutidas soluções estratégicas e entraves na área de pesquisa e desenvolvimento de medicamentos para doenças negligenciadas. Com a participação de especialistas nacionais e internacionais e lideranças políticas, o encontro, a ser realizado na Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz), no Rio de Janeiro, uma das instituições fundadoras e parceiras, abordará as potencialidades da América Latina no setor e projetos intercontinentais, como o da dengue, que nasceu articulando diversos países, entre eles o Brasil.

Visto, lido e ouvido

Desde 1960

Circe Cunha (interina) // circecunha.df@dabr.com.br

Esperança

Vídeo que circula nas redes sociais mostra três jovens francesas sendo importunadas por uma dezena de homens muçumanos, em mais um caso, entre dezenas que ocorrem todos os dias no continente europeu, em que radicais praticantes dessa religião se acham no direito de assediar mulheres por vestirem trajes ocidentais.

No caso em questão, as jovens estão usando calça tipo moletom e camisetas sem manga. O que diferencia esse caso de outros em que as mulheres apanham muito ou são violentadas com selvageria é que os agressores não sabiam que essas três jovens eram praticantes de luta marcial. Nas imagens que se seguem, vemos primeiro as jovens sendo molestadas com violência. Em seguida, elas decidem reagir mesmo em desvantagem numérica e partem para cima dos machões de Alah com todo tipo de técnicas aprendidas na academia de luta.

O vídeo mostra uma reação inesperada dessas jovens, que surpreende a todos. Os homens levam uma verdadeira surra, sendo que as jovens, depois da lição dura, saem correndo para seus destinos. As imagens têm feito sucesso, sendo que alguns internautas dizem que toda a cena de pancadaria é fake.

Seja como for, essas são representações bem vivas na memória e no desejo de milhares de mulheres europeias. Elas gostariam que essas cenas fossem reais e seus algozes fossem recebidos com a mesma violência que praticam contra elas. O fato é que muitas mulheres, assustadas com o que vem acontecendo em seus países, estão buscando treinamento de autodefesa, pois sentem que os dias de liberdade, tão caros aos ocidentais, estão perto do fim por causa da imigração desenfreada, sobretudo a que permitiu a entrada de radicais religiosos.

Fredrik Hagberg, membro líder do grupo Juventude Nórdica, descreveu, à PBS News, a Suécia depois do acolhimento aos refugiados muçulmanos radicais: “As portas do inferno foram abertas. Um caos total na Suécia. E cada vez ficando pior. Mais e mais imigrantes entrando no país todos os dias. A violência crescendo contra os cidadãos suecos. Crianças e mulheres estão pagando um alto preço. A polícia não tem estrutura para cuidar de tudo sozinha, por isso sou simpatizante dos ‘vigilantes’. Nós temos que participar”.

São centenas de casos de violência que ocorrem todos os dias no continente europeu, em que radicais praticantes dessa religião se acham no direito de assediar mulheres por vestirem trajes ocidentais, ou combatem a cultura local impondo a própria cultura.

Relatos de como é dura a vida das mulheres sob os regimes muçumanos são bem conhecidos. São, nessa condição, cidadãs de terceira classe, tratadas com desprezo e violência, sendo que seus algozes raramente são punidos. Livros que chegam agora às prateleiras das poucas livrarias que ainda restam mostram bem essa situação bizarra. Entre esses três, merece destaque *A virgem na jaula: um apelo à razão; Infiel: a história da mulher que desafiou o Islã e Herege: por que o Islão precisa de uma reforma imediata*, todos de autoria da escritora Ayaan Hirsi Ali, nascida na Somália.

Hirsi viveu na pele o que denuncia. Ainda jovem foi submetida à mutilação sexual, prática ainda corrente por aquelas bandas. Sofreu nas mãos da Irmandade Muçulmana, contraindo matrimônio contra sua vontade, como é também usual. Depois de ser ameaçada de morte por suas convicções e luta, resolveu fugir para o Ocidente.

Depois de muito trabalho e preparação, passou a lecionar na prestigiosa Universidade de Harvard, sendo mencionada pela revista *Time* como uma das 100 celebridades mais influentes do planeta. Por essa posição e por sua luta em prol de uma reformulação do Islã, está jurada de morte pelos fundamentalistas. Por seus conhecimentos e vivência, Hirsi sente-se à vontade para alertar o mundo ocidental sobre os perigos que corre, nesses tempos de novas Cruzadas.

Para ela, a civilização ocidental está correndo uma tríplice ameaça decorrente do autoritarismo e do expansionismo das grandes potências comunistas da China e Rússia, além do expansionismo e da ascensão do islamismo global, tudo isso embrulhado na propagação desenfreada da ideologia Woke, parece corroer os princípios morais dessa e das próximas gerações.

Em entrevista concedida ao portal O Antagonista, a escritora alerta para o perigo que o Ocidente corre com essas três ameaças, que irmanadas formam uma verdadeira força capaz de fazer corroer toda a herança judaico-cristã. Diz ela: “Reconheci, na minha longa jornada através de um deserto de medo e de dúvidas, que existe uma maneira melhor de gerir os desafios da existência do que o Islã ou a descrença tinham para oferecer”.

» A frase que foi pronunciada.

“Não estamos preparados para essa situação. A seguridade social não tem suporte para atender essa demanda. Vamos trabalhar para enviar de volta os refugiados que não honraram o direito de viver na Suécia.”

Anders Ygeman, ministro do Interior da Suécia

» História de Brasília

E toda a imprensa do país deve usar de todos os recursos ao seu alcance para combater, também, os “carunchos” da classe, infestados por todas as vias, dentre os verdadeiros profissionais. (Publicada em 27/3/1962)